

CURTIR? COMPARTILHAR? COMENTAR? CHORAR? CYBERESPAÇO E SUAS MANIFESTAÇÕES SOBRE A MORTE NO FACEBOOK A PARTIR DA PERSPECTIVA DA IMORTALIDADE DE ZYGMENT BAUMAN

Kate Fabiani Rigo¹

RESUMO

Todos os dias, pessoas compartilham na internet suas angústias, suas vitórias, suas emoções e suas perdas no mundo virtual. Nesse sentido, percebemos também diversas postagens sobre a morte, muitas a fim de negar a própria morte como finitude da existência. O estudo examina como a morte e a imortalidade é expressa no ciberespaço, mais especificamente o Facebook, através da concepção de imortalidade de Zygmunt Bauman. Pretendemos responder algumas questões como: O que a morte revela sobre a vida no ciberespaço? Em que medida a morte dos outros se constitui como uma oportunidade para refletir sobre o próprio sentido da vida? Facebook como uma ritualização pós-moderna ou espetacular da morte e do morrer? A pesquisa evidencia que o Facebook e as demais redes de relacionamento constituem-se em um campo de estudos interessantes para analisar a sociedade pós-moderna, especialmente no âmbito da filosofia, da psicologia, da história e da teologia.

Palavras-chave: Morte. Imortalidade. Facebook.

ABSTRACT

Every day, people share their troubles on the Internet, their victories, their emotions and their losses in the virtual world. In this sense, we also see several posts about the death, many in order to deny his own death as finitude of existence. The study examines how death and immortality is expressed in cyberspace, more specifically Facebook, through the concept of immortality of Zygmunt Bauman. We aim to answer some questions like: What death reveals about life in cyberspace? To what extent the death of others is an opportunity to reflect on the very meaning of life? Facebook ritualization as a post-modern or spectacular death and dying? The research shows that Facebook and other social networks are in a field of study interesting to analyze the post-modern society, especially in philosophy, psychology, history and theology.

Key words: Death. Immortality. Facebook.

INTRODUÇÃO

Todos os dias, pessoas compartilham na internet suas angústias, suas vitórias, suas frustrações, suas emoções e suas perdas no mundo virtual. Expressar-se nunca foi tão fácil e tão acessível quanto em tempos da pós-modernidade.

¹ Doutoranda em Religião e Educação pela EST. Bolsista CAPES. Orientador: Wilhelm Wachholz e Mestre em História pela PUCRS. Email: kate@novaformacultural.com

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

Pessoas de idades variadas e de diversas localidades estão simultaneamente inseridas num mesmo espaço virtual e possuem em um *clique* o poder de “curtir” o sentimento alheio, de *compartilhar* o que lhe parece relevante e de *comentar* sobre uma imagem, passagem, poesia ou opinião.

Esse poder existe graças às ferramentas criadas e disponibilizadas pelo *Facebook*², um site de relacionamento que deu ao homem pós-moderno o acesso à informação, ao direito de opinião e a livre expressão de seus sentimentos, ideias e ideais. Nesse sentido, percebemos também diversas postagens sobre a morte, muitas a fim de negar a própria morte como finitude da existência e este será o nosso foco de análise.

A pesquisa foi feita a partir do monitoramento de perfis de enlutados e do monitoramento de páginas comunitárias³ que foram criadas com o intuito de abordar a temática da morte e o luto.

O estudo examinou como a morte e a imortalidade está sendo expressa no ciberespaço, mais especificamente o Facebook, através da concepção de imortalidade de Zygmunt Bauman em seu estudo sobre *O Mal estar da Pós-modernidade*, no qual refere-se sobre o sentimento de negação da morte na pós-modernidade. As análises foram divididas em três tipos de postagens: as que revelam uma relação próxima entre enlutado e falecido; as que demonstram sentimento de luto para mortes de desconhecidos; as que negam esse sentimento de finitude. Também analisamos as páginas que dispõem de mensagens e imagens com mensagens sobre a morte, sejam elas com a intenção de pêsames ou de fundo humorístico, o que prova a banalização da morte em tempos pós-modernos.

Para compreendermos esse fenômeno das redes sociais, onde a morte ocupa um papel secundário, já que estamos vivendo o período mais *vivo* da história,

² O Facebook é um site de relacionamento que surgiu nos Estados Unidos em 2005. Segundo uma reportagem do jornal online *O Globo* “O Brasil já é o segundo país no mundo em número de assinantes do Facebook — mais de 47 milhões de usuários ativos —, atrás apenas dos EUA. Depois de destronar o Orkut, primeira grande rede social a cair no gosto do internauta brasileiro, o Face tem hoje 23,38% de penetração na população brasileira total, sendo 61,90% na população on-line do país.” Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/a-origem-do-facebook-4934191#ixzz216prkbg>. Acesso em 18/07/2012.

³ São páginas que possuem o intento de agrupar pessoas por afinidade. Não há uma interação direta entre o dono da página e o integrante que a “curte”, apenas há o compartilhamento das informações ou imagens postadas no perfil pessoal do “curtidor” ou do integrante que segue as atualizações da página comunitária. O número de imagens compartilhadas e/ou curtidas é o que determina o sucesso ou insucesso das páginas comunitárias.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

recorremos a um estudo desenvolvido por Rendeiro que mostra esta relação *viva* existente entre as redes sociais e a sociedade na pós-modernidade.

Sobre o fenômeno redes sociais, nos sentidos que elas carregam em si, acumulam-se interpretações de toda ordem; antes de apresentar algumas delas, lembramos que, no esteio do discurso do “eu”, o mundo contemporâneo aparece mergulhado em *realitys shows*, em mundos que propõem uma vida paralela, como o *Second Life*, em mensagens instantâneas do MSN; discurso também evidente na febre de *blogs*, *fotologs*, *videologs*; ou nas chamadas redes de sociabilidade, como o *Orkut*, *Myspace* e o *Facebook*, com destaque para o enorme sucesso do *YouTube*, com seus milhões de visitantes, condicionados a assistir a tudo e a todos; a vida toda ganhando contornos de *videoclip*, uma forma de narrar sobre si mesmo, sustentada por imagens e por ritmos, denotando uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço.⁴

Pensando sobre a citação acima percebemos o quanto as pessoas estão envolvidas num processo de afirmação de sua existência a partir de sua conectividade. Só se existe no momento em que se está conectado, se é popular de acordo com o número de amigos *virtuais* que se consegue agrupar, se é referência de acordo com o número de *curtir* que uma postagem pessoal possa receber, mas se for *compartilhada* certamente o que foi escrito foi significativo. Essa reflexão nos remeteu ao estudo de Guy Debord e a Sociedade do Espectáculo, onde ele comenta que:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do *ser* em *ter*. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do *ter* e do *parecer*, de forma que todo o «*ter*» efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela *não é*, lhe é permitido aparecer.

Fazendo uma relação atemporal, o estudo de Guy Debord se encaixa perfeitamente na ideia de *ter* muitos amigos virtuais no *Facebook*. E o espetáculo se completa de acordo com o número de pessoas que *curtiram* ou *compartilharam* uma postagem ou uma imagem completando desta forma o perfeito ideal do “aparecer” perante esta sociedade “espetacularmente conectada” a um mundo virtual muito mais interessante e dinâmica do que o mundo real.

⁴ RENDEIRO, Márcia Elisa. *Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais*. In: Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 257, set/dez 2011. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

Essa realidade está associada ao conceito de *Sociedade Líquida*⁵ desenvolvida em um artigo publicado pelo sociólogo Zygmund Bauman que a caracteriza como desapegada em suas relações pessoais, instável, individualista e está perdida num tempo de liberdade e de insegurança. O que explica essa necessidade de criar um mundo virtual paralelo ao real. Segundo Bauman, em nossa época extremamente carente de certezas, proteção e segurança, os medos são muitos e indissociáveis da vida humana. Tememos a violência urbana, as catástrofes naturais, o desemprego, as epidemias, o terrorismo, a exclusão. Como consequência disso, buscamos incansavelmente a atualização profissional e o acúmulo de conhecimento, nos fechamos em nossas casas cada vez mais equipadas com sistemas de segurança de última geração, mas nem por isso capazes de nos propiciar alívio e conforto diante de nossos temores; dirigimos carros blindados, evitamos espaços públicos e o contato com estranhos, os quais nos parecem cada vez mais ameaçadores e aterrorizantes. Para o autor as esperanças de um maior controle e domínio sobre o mundo social e natural depositadas nos tempos modernos se esvaíram. No ambiente líquido-moderno, as incertezas, perigos e ameaças são uma constante.⁶ O interessante é que a era das redes sociais virtuais está aí para resolver este problema por facilitar o contato com outros indivíduos mesmo não saindo de casa.

Como o contato direto entre os indivíduos está se tornando cada vez menos frequente e a necessidade de pertencer a um grupo de *status* ou *evidência* é uma necessidade da sociedade líquida e espetacular, a imagem passa a ser uma prioridade e sua manutenção uma necessidade. Sobre a Imagem, Rendeiro comenta que:

Essa preocupação com o *eu* chama a nossa atenção para as novas formas de tratamento da imagem, novas formas de narrar sobre si, sugestivas de um indivíduo que trata a si mesmo como produto ou mercadoria, sujeito aos recursos do *Photoshop*, retocando e editando as imagens que “publica” de sua vida. No percurso dessa análise, buscamos um pouco mais, investigando as novas formas de diários íntimos, seguindo modelos confessionais, paradoxalmente expostos, diluindo as fronteiras entre público e privado. O que apreender desse fenômeno de comunicação? Que dispositivos de memória ele abriga? Que tipo de sociedade se configura nesse efervescente processo de transformação? Que sujeito se vislumbra

⁵BAUMAN, Zigmund. *Sociedade Líquida*. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf. Acesso em: 16/07/2010.

⁶ BAUMAN, Zigmund. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.2008.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

nessa trajetória? De imediato podemos afirmar que as respostas para essas questões não cabem de modo integral no espaço de um artigo, mas, como já dissemos inicialmente, a ideia é estimular o contínuo processo de investigação, fomentando ainda mais a discussão e alimentando a fogueira provocante dos estudos que a sociedade demanda.⁷

Essas características apresentadas a respeito dessa *Sociedade Líquida* que necessita estar permanentemente atuando como protagonista e não mais como espectador do *Espectáculo Social*, que nos remeteu a necessidade de pensar sobre como o indivíduo moderno ou pós-moderno está lidando com as questões ligadas a sua finitude e o quanto essa preocupação ou a falta dela estão sendo *compartilhadas* no espaço virtual. Desta maneira levantamos alguns questionamentos como: O que a morte revela sobre a vida no ciberespaço? Como a ideia de imortalidade se sobrepõe a ideia de morrer? Em que medida a morte dos outros se constitui como uma oportunidade para refletir sobre o próprio sentido da vida? Como a Morte morreu na sociedade pós-moderna? Facebook como uma ritualização pós-moderna ou espetacular da morte e do morrer?

Propomos ir respondendo as indagações ao mesmo tempo em que vamos analisar imagens e postagens que foram coletadas ao longo da pesquisa. Além de relacionarmos a teoria de Bauman a cerca da Imortalidade e da Morte na Pós-Modernidade.

1.1 A morte morreu num breve curtir

Durante a pesquisa, nos deparamos com algumas incoerências no que se diz respeito a questão do morrer e do luto. A necessidade das pessoas dividirem com estranhos ou *amigos virtuais* (que nunca foram vistos) todas suas realizações, suas frustrações e até mesmo suas perdas pessoais no *Facebook* com o intuito de serem *ouvidos*, fez com que a morte ou o luto chegasse ao absurdo de serem “curtidos”. Se seguíssemos o termo de acordo com o dicionário a lógica da perda poderia ser aceitável, uma vez, que *curtir* significa *sofrer, padecer, suportar*⁸, no entanto, a lógica do Facebook, a ideia de *curtir* está associado a ideia de *aproveitar ao máximo ou até mesmo de aprovação/ concordância*. Deste modo, percebemos que a morte acaba de morrer com um simples “clique”, considerando o momento em

⁷ RENDEIRO, 2011. p. 258,

⁸ Dicionário online de Português. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/>. Acesso em 17/07/2012
CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

outro aproveita ao máximo o sofrimento alheio com a perda de alguém próximo ou querido.

Essa ansiedade publicar, compartilhar e curtir tudo que está à frente do indivíduo líquido está bem caracterizado na descrição de Rendeiro, sobre a ansiedade de identificar-se com algo ou alguém no espaço virtual:

Nossos dados precisam ser atualizados diariamente; seguimos pessoas e ganhamos seguidores; entre os desafios diários está o de comunicar nossas ações (espremidas ou encarceradas no presente) em 140 caracteres. Onde estamos? Para onde vamos? Como iremos? Para cada passo, um *click*, pegadas e rastros cobrem o nosso percurso em rede. Tudo feito de tal forma para que aqueles que nos “seguem” não nos percam pelo caminho. De outra feita, para que isso ocorra, é necessário que estejamos devidamente identificados com as novas tecnologias que, por sua vez, também nos identificam.⁹

Outra questão interessante é que o sofrimento do enlutado serve como forma do indivíduo mostrar-se atualizado e presente a todo e qualquer acontecimento de seu amigo virtual. Como é possível observar nesta postagem de uma adolescente que perdeu sua mãe.

Não tenho palavras pra descrever a dor que eu to sentindo, ao te ver somente por fotos, não poder te tocar, abraçar, dar beijinho, chamar de mamãe e dizer eu te amo, tu é tudo pra mim ! com certeza eu sei que tu sempre estara comigo, e agora tu ta em paz, longe de toda a dor e sofrimento, Deus esta contigo agora, e é ao lado dele que tu será muito feliz minha maezinha .. te amo muito e terei eternas saudades ! ♥ MINHA VIDA
10

A dor e o sofrimento desta adolescente por ter perdido sua mãe foi *curtida* por 137 pessoas e teve apenas 22 comentários. Isso nos remete a ideia de marcar a presença, mas não se comprometer com palavras de consolação a enlutada. O que nos leva ao medo do esquecimento virtual, onde o indivíduo demarca sua presença de maneira virtual. Esse elemento é desenvolvido por Rendeiro:

Assim, essa permanente atualização da memória é parte do jogo da escrita nas redes sociais. Isso também evidencia o medo do esquecimento; tudo é constantemente atualizado, arquivado ou colecionado para ser exposto.

⁹ RENDEIRO, 2011. p. 260

¹⁰ Perfil público de uma adolescente do sexo feminino com idade aproximada de 16-17 anos de idade. Monitorado desde o dia 30 de junho até o dia 19 de julho.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

Cada usuário cria o seu perfil, escolhe, adere ou cria as suas próprias comunidades, tece um nó colocando mais fios no sistema.¹¹

Para comprovarmos a teoria de que a Sociedade Líquida está cada vez mais individualista e menos comprometida com as relações de sofrimento alheio, no caso dos enlutados, consideramos válido analisar a postagem da mesma adolescente referente à missa de sétimo dia da mãe falecida:

Pessoal, a missa de sétimo dia vai ser hoje, as 18:30hrs, na Igreja Nossa (omitido) ! (...) Conto com a presença de todos !!!!!¹²

O interessante da postagem é a informalidade da mesma e o número de *curtir* foi drasticamente menor, apenas 4 pessoas se manifestaram a respeito do culto religioso e apenas 2 comentários que foram postados, que deixam claro os elementos anteriormente citados de Bauman sobre a *sociedade individualista*, sendo que a mesma não está receptiva para auxiliar no luto alheio.

Adolescente Feminina: M****, tava desconectada do facebook!! Não tinha visto :/

Adolescente Masculino: Puts eu também não ví. Ninguém me avisou. Ç.Ç¹³

O fato de não estar conectado é utilizado como justificativa de não ter comparecido pessoalmente a um momento em que o enlutado tem a oportunidade de ser amparado e acolhido emocionalmente por outros indivíduos que querem o auxiliar nesse momento difícil de separação definitiva de um ente querido. Parece que o *Espectáculo* que antes ocupava o tempo presente foi substituído pelo tempo virtual, pois conforme Debord *toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.*¹⁴

¹¹ RENDEIRO, 2011. p. 261

¹² Perfil público de uma adolescente do sexo feminino com idade aproximada de 16-17 anos de idade. Monitorado desde o dia 30 de junho até o dia 19 de julho.

¹³ ¹³ Perfil público de uma adolescente do sexo feminino com idade aproximada de 16-17 anos de idade. Monitorado desde o dia 30 de junho até o dia 19 de julho.

¹⁴ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espectáculo*. Ebook. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em 18/07/2012. p.8.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

O perfil da adolescente foi monitorado por 20 dias e foi notório em suas postagens que o luto virtual durou 13 dias¹⁵. Após esse período suas postagens voltaram a rotina normal de uma adolescente com muitas fotos, um vídeo dela falando com uma amiga na sala de aula, fotos de viagens com amigos. O sentimento de resguardo que há décadas atrás era característica de uma família enlutada agora perde espaço para o compartilhamento de mensagens de saudade e da demonstração que a vida continua.

1.2. Compartilhando a dor e curtindo o sofrimento alheio

Pesquisando as Páginas Comunitárias do *Facebook* percebemos a instalação do Espetáculo e a oportunidade de fazer parte dele a partir do sofrimento do enlutado. A necessidade das pessoas terem que expressar suas ideias, sentimentos ou protestos criou um espaço para o surgimento destas Páginas Comunitárias que facilitam a vida do usuário do *Facebook* que quer dizer algo, mas não sabe como. Deste modo, essas Páginas oferecem ao usuário frases, mensagens ou imagens que representem a sua necessidade de expressão momentânea, para isso o usuário deve apenas *curtir* a Página e *compartilhar* o conteúdo que vai sendo disponibilizado de acordo com o tempo de dedicação do *Dono* da Página. Assim, fomos em busca de páginas que tivessem a temática da morte ou do luto e o resultado foi de apenas 5 Páginas Comunitárias que tivessem essa abordagem. Analisamos 4 delas, sendo que a página *Um anjo em minha vida e a página Superação*, não falam da morte de forma direta e possuem pelo menos 29.587 agregados, Já as páginas *Voltando a sorrir - mães em Luto* e *Lágrimas no Céu* que explicitam o tema do luto possuem apenas 1593 agregados. A quinta página intitulada *Luto* não foi analisada devido à excessiva exposição das imagens pessoais dos falecidos, a qual será analisada em outro momento.

Para Bauman e seu livro *Mal Estar na Pós-Modernidade* a morte é algo que deve ser isolado:

Uma é a estratégia de esconder de vista a morte daqueles próximos à própria pessoa e expulsá-la da memória; colocar os doentes terminais aos cuidados de profissionais; confiar os velhos em guetos geriátricos muito antes de eles serem confiados ao cemitério, esse protótipo de todos os

¹⁵ Foram monitorados 15 perfis de enlutados de idades diferentes, fizemos a seleção de apenas um caso para facilitar a análise no desenvolvimento deste artigo.

guetos; transferir funerais para longe de locais públicos; moderar a demonstração pública de luto e pesar; explicar psicologicamente os sofrimentos da perda como casos de terapia e problemas de personalidade. De outro lado, porém, como recentemente nos lembrou Georges Balandier, a morte se banalisa para a proliferação de imagens.¹⁶

Esse recurso é muito utilizado nas Páginas *Um anjo em minha vida e Superação*, onde a morte ou o luto são velados e disfarçados com belas imagens e frases de conforto. O fato da ideia de morte estar “maquiada” para que o Espetáculo Líquido¹⁷ funcione e para que o usuário do Facebook não perca a sensação de Imortalidade tão característica em nossa sociedade liquefeita.¹⁸



"Um anjo vem todas as noites:
senta-se ao pé de mim, e passa sobre meu coração a asa mansa, como se fosse meu melhor amigo.
Esse fantasma que chega e me abraça ...

A postagem teve 80 compartilhamentos e a morte acaba sendo velada pela palavra fantasma que rapidamente jogada para a ideia de amor existente entre o enlutado e o morto. O contraponto da morte na sociedade pós-moderna está relacionado a desconstrução da Imortalidade que segundo Bauman:

Se a modernidade se esforçou para desconstruir a morte, em nossa época pós-moderna é a vez de a imortalidade ser desconstruída. Mas o efeito global é a obliteração da oposição entre morte e imortalidade, entre o transitório e o duradouro. A imortalidade não é mais a transcendência da mortalidade. É tão instável e extingüível quanto a própria vida, tão irreal

¹⁶ Bauman, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.p. 198.

¹⁷ Me refiro a Espetáculo Líquido como forma de unir a ideia de Espetáculo a qualquer custo de acordo com o pensamento de Debord e da Liqueidez e instabilidade social sugerida por Bauman. Acreditamos que os dois termos se fundem para definir nossas sociedade pós-moderna que disfarça sua instabilidade na construção de uma sociedade de fachada e espetacular.

¹⁸ BAUMAN, Zigmund. *Sociedade Líquida*. Disponível em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf. Acesso em: 16/07/2010.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

quanto se tornou a morte transformada no ato do desaparecimento: ambas são receptivas à interminável ressurreição mas nenhuma à finalidade.¹⁹

Essa postagem da Página Superação confirma o pensamento acima sobre a questão do morrer e da imortalidade. Faz com que o enlutado pense na morte como uma mudança, um deslocamento de local. Uma forma de apaziguar a dor alheia.



A imagem teve apenas 48 compartilhamentos e apenas 35 pessoas curtiram. Ao analisar todas as imagens e mensagens da Página, percebemos que as postagens que mais foram compartilhadas eram as relacionadas ao bem-estar e a simples dizeres de Bom final de semana; Bom início de dia ou de imagens de paisagens e de crianças e jovens. Isso pode ser comprovado com Debord:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante.

Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna.²¹

A sociedade *Líquida* está fazendo com que o Facebook se torne um modelo de mundo ideal, onde a morte não existe e que as pessoas falecidas apenas

¹⁹ Bauman, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.p. 203.

²⁰ Página Comunitária: Superação. Disponível em:

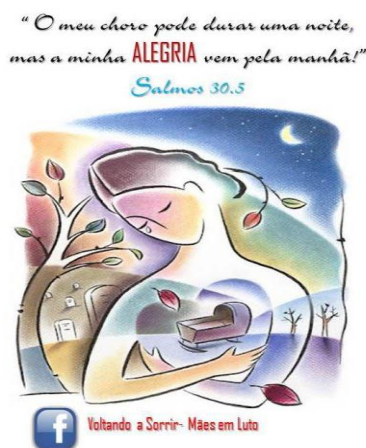
<http://www.facebook.com/media/albums/?id=134776429871966#!/photo.php?fbid=312960222053585&set=a.301916446491296.93614.134776429871966&type=3&theater>Acesso em: 14/07/2012

²¹ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Ebook. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/porta/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em 18/07/2012. p.9-10 CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

mudaram sua morada. Tudo é maquiado de acordo com a necessidade de perpetuação do Espetáculo constituído e determinado pelos usuários desta rede social.

Quando a morte aparece de forma declarada, nota-se que o número de compartilhamentos cai e que a ideia de morte está sempre associada a um luto que não seja prolongado. Como evidenciamos nas Páginas Comunitárias *Voltando a sorrir - Mães em Luto e Lágrimas no Céu*. Em *Voltando a sorrir - Mães em Luto* há poucas imagens ou mensagens a serem compartilhadas, a maioria delas tem ligação com alguma Instituição Religiosa de cunho Neo-pentecostal que está usando o luto materno como forma de obter mais fiéis. A postagem que mais chamou a atenção foi esta:



22

Esta postagem foi compartilhada por 89 agregados e apenas 7 usuários curtiram. Acreditamos a baixa divulgação desta imagem esteja associada a sua representação pictográfica que leva o indivíduo a refletir sobre a possibilidade de finitude e de sofrimento.

Já a Página Comunitária *Lágrimas no Céu* representa muito a necessidade da Sociedade *Espetacular Líquida* de ser visto ou associado a alguma ideia, marca ou causa. Esta página possui apenas 155 agregados e foi feita com o intuito de compartilhar histórias de pessoas que perderam entes ou pessoas queridas do seu entorno. No entanto, durante o monitoramento da Página percebemos que o

²² Página Comunitária Voltando a Sorrir-Mãe sem Luto. Disponível em: <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=464076396953473&set=a.452021651492281.118484.452008368160276&type=1&theater>. Acesso em 20/06/2012.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

Espetáculo ficou evidente no momento em que o *Dono* cria uma espécie de marca para acelerar o processo de divulgação da mesma.



23

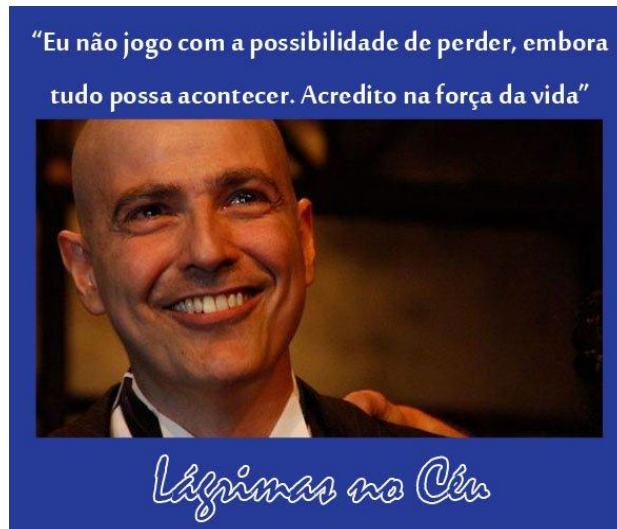
Analisando a imagem percebe-se claramente que a intencionalidade não está no acalantar o sofrimento do enlutado e sim no objetivo escancarado de conseguir 1000 compartilhamentos ou 1000 usuários que curtam a ideia. Mais uma vez a teoria de Debord aplica-se:

Não se pode contrapor abstratamente o espetáculo à atividade social efetiva; este desdobramento está ele próprio desdobrado. O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente.²⁴

Além do recurso da logo marca, a Página utiliza pessoas do meio midiático para tentar sensibilizar mais usuários e com isso conseguir um número maior de agregados. Percebemos também que a palavra morte foi evitada ao máximo nas postagens disponibilizadas pela Página, como é o caso da postagem abaixo:

²³ Página Comunitária Lágrimas no Céu. Disponível em: <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=410384335667091&set=a.406995962672595.86416.293598844012308&type=3&theater>. Acesso em 20/06/2012

²⁴(DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espectáculo*. Ebook. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>. Acesso em 18/07/2012. p.10. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476



25

Utilizar um ator de forte apelo popular que tenha passado por um processo de combate ao câncer que nega a possibilidade da morte a partir da força da vida, foi uma maneira de tentar buscar mais agregados e tornar a Página mais popular no meio virtual. No entanto, essa prática não teve os resultados esperados pelo fato de que as pessoas não estão dispostas a compartilhar a tristeza e nem suas fragilidades reais.

Acreditamos que o mal estar da sociedade Pós-Moderna está justamente nessa ansiedade de negar sua finitude e de exaltar a supremacia do vazio e do Espetáculo a qualquer custo.

1.3. A morte um Espetáculo para ser compartilhado

O último item que iremos analisar será como a morte foi transformada num Espetáculo a ser compartilhado sem medo e sem culpa pelos usuários do Facebook. Durante a pesquisa não foi fácil encontrar páginas e postagens que declarassem abertamente a presença da morte ou do luto entre seus usuários. No entanto notamos que quando se colocava no buscador do próprio site a palavra morte ou morrer apareciam Páginas Comunitárias ou postagens de cunho humorístico.

²⁵ Página Comunitária Lágrimas no Céu. Disponível em: <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.406995962672595.86416.293598844012308&type=3>. Acesso em 10/07/2012
 CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.
Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

Percebemos que a morte mais uma vez foi maquiada e teve sua formalidade transformada em diversão e humor. Associamos isso ao pensamento de Bauman que reflete sobre a banalização da morte na sociedade pós-moderna:

A morte próxima de casa é dissimulada, enquanto a morte como um transe humano universal, a morte dos anônimos e “generalizados” outros, é exibida espalhafatosamente, convertida num espetáculo de rua nunca findo que, não mais evento sagrado ou de carnaval, é apenas um dentre muitos dos acessórios da vida diária. Assim banalizada, a morte torna-se demasiado habitual para ser notada e excessivamente habitual para despertar emoções intensas. É a coisa “usual”, excessivamente comum para ser dramática e certamente demasiado comum para se ser dramático a respeito. Seu horror é exorcizado pela sua onipresença, tornando ausente pelo excesso de visibilidade, tornando ínfimo por ser ubíquo, silenciado pelo barulho ensurdecedor. E, enquanto a morte se desvanece e posteriormente desaparece pela banalização, assim também o investimento emocional e volitivo no anseio por sua derrota...²⁶

A derrota da morte na Sociedade *Espetacular Líquida* está presente em Páginas Comunitária de Cunho Humorístico como *Morre que Passa* ela possui 505.242 agregados. A página se propõe a disponibilizar imagens ou situações engraçadas, mas coloca o desejo de morte alheio como uma solução para resolver as futilidades humanas. É válida analisar o quanto as relações ente vida e morte estão banalizadas e o quanto o peso da morte pode ser disfarçado através do humor.



Encontramos mais postagens que desejam a morte alheia e demonstram o sentimento de individualidade e de fragilidade existente entre os laços humanos na Sociedade Líquida.²⁸ Essas postagens estão disponibilizadas na *Página Comunitária*

²⁶ Bauman, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.p.199.

²⁷ Página Comunitária *Morre que Passa*. Disponível em: <http://www.facebook.com/MorreQuePassa?ref=ts>. Acesso em:14/07/2012.

²⁸ BAUMAN, Zigmund. *Sociedade Líquida*. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf. Acesso em: 16/07/2010.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

denominada de A Morte que possui 29.594 agregados e a temática da morte é apresentada a partir de um humor mais ácido.



Finalizando as análises encontramos uma tirinha que começou a ser compartilhada no *Facebook* a partir de 30 de maio de 2012 através da Pagina Comunitária intitulada de *Ao Pretexto*. A tirinha utiliza a Morte como protagonista de situações do cotidiano dos vivos.



CONCLUSÃO

Acreditamos que analisar as manifestações da morte e do morrer no ciberespaço nos apresenta uma vida agitada, cheia de atualizações em que a morte é vista apenas como mais uma atualização a se *curtir*. Percebemos também que a morte alheia é vista por muitos indivíduos conectados através seus computadores, *tablets* ou celulares como uma excelente oportunidade de marcar presença no espaço virtual e de demonstrar-se pertencente ao *Espetáculo* que nada acrescenta na formação de um grupo, seja ele virtual ou real.

²⁹ Página Comunitária *A morte*. Disponível em: <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.192273457549508.37145.192255920884595&type=3>. Acesso em 15/07/2012

Durante a pesquisa notamos que poucos são os que refletem acerca de sua finitude, já que os compartilhamentos massivos presentes nos perfis públicos são com frases de autoafirmação, de viver cada instante e não importa o restante, de superação, de desdém a opinião alheia e de protestos em busca de um mundo perfeito o qual a maioria dos usuários não quer fazer parte.

A banalização da Morte e sua morte na sociedade pós-moderna de acordo com o pensamento de Bauman se aplica muito bem ao Facebook, já que muitas das páginas comunitárias que possuem um número considerável de agregados, estão relacionadas a figura da morte como comédia. Além de não haver uma sensibilização em relação a finitude alheia e a possibilidade da finitude pessoal, o indivíduo *Líquido* utiliza o recurso do humor para afastar a morte e o morrer de sua vida perfeita dentro do ambiente virtual.

O *Facebook* faz parte da rotina de milhões de usuários e é utilizado como um agregador da Sociedade Líquida que busca em sua instabilidade a necessidade de pertencer a um mundo Espetacular que é sedutor por suas benesses de juventude, prazer, fama, pertencimento e principalmente de Imortalidade! Estamos inseridos numa rede que não nos liberta, mas que nos sufoca em nossas próprias ambições e em nossa própria necessidade de protagonizar um Espetáculo calcado na aparência, no valor monetário, na vaidade extrema, no egoísmo e no sofrimento alheio. Para fazer parte deste *Espectáculo Líquido* é fácil, apenas tenha uma fonte de energia, um aparelho receptor e clique em curtir.

REFERÊNCIAS

Bauman, Zigmund. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

BAUMAN, Zigmund. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2001

BAUMAN, Zigmund. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2008.

¹BAUMAN, Zigmund. Sociedade Líquida. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/4_Encontro_Entrevista_A_Sociedade_Liquida_1263224949.pdf. Acesso em: 16/07/2010.

BOUSSO, Regina Szylit. *A complexidade e a simplicidade da experiência do luto*. In: Acta Paulista de Enfermagem. vol.24 nº.3 São Paulo. 2011. Disponível em:

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000300001&lang=pt. Acesso em 18/07/2012.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, vol. 1, 1999.

FRANCO, Clarissa de. *A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade*. In: revista Kairós, São Paulo, 10(1), jun. 2007, pp. 109-120. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2577/1631>. Acesso em 14/07/2012.

FRANCO, Clarissa de. *A cara da Morte: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico*. Aparecida: Idéias& Letras, 2010.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002

GURGEL, Wildoberto Batista; KOVÁCS, Maria Júlia. *Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço*. In: Cadernos de Pesquisa da UFMA. São Luís, v. 18, n. 1, jan./abr. 2011.p. 06-17. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/411>. Acesso em: 13/07/2012.

KELLNER, Douglas. *A cultura da Mídia*. Bauru-SP: EDUSC,2001.

RENDEIRO, Márcia Elisa. *Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais*. In: Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 257, set/dez 2011. p. 256-262. Disponível em: http://www.unisinos.br/revistas/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.08. Acesso em: 15/07/2012.

TOMASI, Julia Massucheti. *A morte no Orkut: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010)*. In: Anais / organizado por MÁXIMO, Maria Elisa e BALDESSAR, Maria José. Florianópolis: ABCiber, 2011. Disponível em: <http://simposio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%204/4.E4/37-49-1-RV.pdf>. Acesso em 10/07/2012.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.